

Quem fica bem na fotografia?

Neste mês de Julho os médicos fizeram greve, os enfermeiros também, os magistrados também, os funcionários judiciais também, os inspectores da Policia Judiciária também, os guardas prisionais também, os sapadores também, os trabalhadores dos impostos também, os trabalhadores dos CTT também, os trabalhadores dos registos e notariado também, os trabalhadores da Planeta Plástico também, os trabalhadores dos registos também, os trabalhadores de hipermercados e armazéns da SONAE também, os trabalhadores do Minipreço também, os trabalhadores das cantinas, refeitórios, áreas de serviço e bares também, os trabalhadores de limpeza dos aviões também, os mestres da Soflusa também, ... Poderia continuar..., tenho a certeza que há mais, muitas mais greves a decorrer ou anunciadas...como, por exemplo, os motoristas de substâncias perigosas que já ameaçaram parar o país por tempo indeterminado...

Devo reconhecer que sinto alguma perplexidade perante esta epidemia de greves: 2018 havia já batido recordes em relação aos anos anteriores e 2019 ameaça seriamente alcançar números ainda mais elevados. É com efeito estranho que no último ano do Governo de Passos Coelho o número de greves realizadas tenha sido de 85, contra as 123 greves em 2017 e as 248 greves no ano passado, sempre no Governo de António Costa. Afinal, este governo é o suportado pela geringonça, pela coligação positiva, pela maioria das esquerdas a que são afectos grande parte dos sindicatos que organizam todas estas greves.

Dizem-me que em ano de eleições é assim mesmo! Continuo confusa... É que no ano passado, 2018, não houve eleições e o número de greves cresceu. Além disso, se assim fosse, a greve não seria então a última e mais radical prerrogativa para garantir boas condições de trabalho em geral, mas antes uma arma política para pressionar os governantes a decidirem de acordo com os interesses em jogo.

Dizem-me que o partido comunista, em queda eleitoral e a parte que menos ou nada ganhou desta geringonça, tem de mostrar nas ruas o seu poder, além de pretender desgastar o governo socialista. Não quero acreditar no que seria então uma ignóbil manipulação dos trabalhadores, convertidos em instrumentos de interesses alheios. Além disso tal equivaleria à politização partidária dos sindicatos que, sem independência, prestariam um pobre serviço a quem supostamente (mas apenas supostamente) representariam.

Dizem-me que se trata de uma reação natural às expectativas criadas e não cumpridas pelo declarado fim das restrições, pela proclamada abundância para todos, pelo designado mundo cor-de-rosa bem caracterizado por uma vincada discrepância entre o que se anuncia e o que se concretiza. Veja-se os casos da saúde, da educação, dos transportes... É que, afinal, se há dinheiro para tudo, por que há tantas greves? Ou será que, numa democracia já amadurecida como a nossa, se aceita a confusão entre propaganda e informação, entre intenções e realidades, entre controlo de votos e serviço público?

Fico sem saber qual a fotografia mais exacta da nossa realidade..., mas, em qualquer uma, não há quem fique bem na fotografia!